# SOCIEDADE AGRÁRIA: hierarquia entre os criadores de gado *vacum* de Caçapava (1821-1850)[1]

*André do Nascimento Corrêa*
Doutorando em História – UNISINOS
Bolsista – CAPES

**RESUMO:** O objetivo da pesquisa é fazer uma análise das características socioeconômicas do universo agrário de Caçapava, na província do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XIX. As principais fontes empregadas são os inventários post mortem e o período abordado estende-se entre 1821 e 1850. Realizou-se, também, um diálogo bibliográfico com estudos sobre História Agrária. Foi possível, averiguar a concentração de terras e animais nas mãos de poucos. Entretanto, ao lado desse pequeno grupo concentrador de recursos, havia uma miríade de pequenos produtores, muitos também senhores de escravos. Portanto, sinalizamos para um universo social mais complexo do que aquele geralmente descrito nas obras que tratam do contexto local neste período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociedade agrária; Caçapava; Brasil Imperial.

**ABSTRACT:** The objective of the research is to analyze the socio-economic characteristics of the universe agrarian Cacapava in the province of Rio Grande do Sul, in the first half of the nineteenth century. The main sources are employed inventories and post mortem period covered extends between 1821 and 1850. Held also a dialogue with literature studies on Agrarian History. It was possible to determine the concentration of land and animals in the hands of a few. However, alongside this small group concentrator resources, there was a myriad of small producers, many also slaveholders. Therefore, signaled for social universe more complex than that usually described in works dealing with the local context in this period.

**KEYWORDS:** Agrarian society; Caçapava; Imperial Brazil.

## Introdução

A primeira metade do século XIX tem a região sul do Brasil marcada por uma forte economia baseada na exportação do charque. Isso fez com que suas localidades tivessem nas atividades agrárias sua base produtiva. Em um levantamento feito com os inventários *post mortem* para Caçapava,[2] encontramos um total de 151 processos,[3] entre 1821 e 1850,

[1] Este texto faz parte de minha dissertação de mestrado defendida junto ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS.
[2] Caçapava, hoje Caçapava do Sul, está localizada na região centro-sul do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, ver mapa em anexo.

período aqui estudado. Com a análise dessa documentação foi possível apontar que esta localidade tinha a criação de gado como atividade preponderante. Neste sentido, os dados deste trabalho estão apontando para uma região econômica que, girava em torno da produção agrária, tendo como alicerce a pecuária bovina. Esta gerava a principal renda para as unidades produtivas desta respectiva localidade. Portanto, nossa pesquisa está em consonância com os trabalhos referentes às questões agrárias do Rio Grande do Sul para o século XIX. Tais obras tiveram, nas últimas décadas, o seu horizonte alargado, um entendimento mais qualificado do complexo cenário agrário oitocentista sul-rio-grandense. É o caso dos trabalhos de Paulo Zarth (1997; 2002), Helen Osório (1990; 2007), Luís A. Farinatti (1999; 2010), Graciela Garcia (2005) e Thiago Araújo (2008).

Assim, algumas regiões do Rio Grande do Sul já tiveram o devido estudo efetuado, no que tange o seu universo agrário, porém a localidade de Caçapava não tinha uma análise deste cunho, centrada sobre os pressupostos da história serial, com uma investigação realizada a partir de uma documentação caracterizada por seu estilo homogêneo, massivo e reiterativo. O emprego desta metodologia na análise dos inventários *post mortem* rende bons frutos na análise da produção agrária e da estratificação social existente naqueles espaços, porque permite a análise da evolução, no tempo, dos fatores produtivos, da estrutura do patrimônio e da distribuição da riqueza social (FRAGOSO & PITZER, 1988).

Ao investigar os inventários *post mortem* de Caçapava, para um recorte que abrange o período de 1821 a 1850, foi possível verificar a preeminência da ampla diversidade no que tange os seus criadores. De tal forma, não havia apenas a grande pecuária, mas sim um cenário com inúmeros pequenos e médios proprietários, confeccionando uma diversidade social bem mais complexa do que o antigo senso-comum,[4] que apontava, no agro rio-grandense, a presença apenas de grandes pecuaristas e peões. Ou seja, consonância com o que se tem encontrado, para outras regiões, nas pesquisas mais recentes (FARINATTI, 2010, ARAÚJO, 2008).

## 1 – Criadores de gado: a diversidade das unidades produtivas

A produção voltada para o abastecimento interno movimentava a província do Rio Grande de São Pedro, em meados dos Oitocentos, com foco central na criação de gado

[3] Destes, três não tiveram andamento na avalição dos bens, ficando em 148 inventários analisados e utilizados nesse estudo.
[4] Isso foi uma corrente de pensamento da historiografia tradicional do rio-grandense, com destaque para a obra de *A formação do Rio Grande do Sul* de Jorge Salis Goulart de 1933.

*vacum*. Estes animais, por sua vez, eram comercializados com as charqueadas para a produção da carne salgada, destinada ao comércio com as *plantations* de outras regiões do Brasil. Ou seja, uma grande articulação do mercado interno brasileiro, que possibilitaria que esta região, por exemplo, fosse abastecida com mão de obra escrava (FRAGOSO, 1998). Assim, não era de se estanhar que toda esta atividade comercial fosse geradora de uma elite econômica também na esfera local.

Mostramos o quanto estes maiores pecuaristas absorviam a mão de obra escrava, assim, quanto maior era a envergadura produtiva das unidades econômicas, mais escravos a mesma tinha (CORRÊA, 2013). Vejamos a tabela 1, na qual evidenciamos a distribuição deste gado *vacum*, por faixa de tamanho de rebanho e a quantidade de criadores, como também as devidas porcentagens e médias do rebanho bovino. Para a elaboração da tabela 1, nos servimos apenas dos inventários que continham gado *vacum*.

**Tabela 1** – Distribuição do gado *vacum* em Caçapava (1821-1850)

| ***FTRV*** | ***Nº de Criadores*** | ***%*** | ***Gado Vacum*** | ***%*** | ***Média de reses*** |
|---|---|---|---|---|---|
| **1-100 reses** | 43 | 35% | 1.582 | 2% | 37 |
| **101-500 reses** | 44 | 36% | 10.392 | 11% | 236 |
| **501-1.000 reses** | 15 | 12% | 9.730 | 11% | 648 |
| **Mais de 1.000 reses** | 21 | 17% | 67.560 | 76% | 3.217 |
| **Total:** | 123 | 100% | 89.264 | 100% | 726 |

**Fonte:** 123 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS. FTRV = Faixa de Tamanho de Rebanho *Vacum*.

Na tabela 1 fica evidente que havia uma grande diversidade entre os criadores de gado *vacum* da vila de Caçapava. Exemplo disso era o abismo na posse do gado no que tange os extremos da tabela 1, entre os que possuíam até 100 reses e os que tinham mais de 1.000 cabeças de gado. Fica claro que, havia uma elite de criadores, e provavelmente estes tinham mecanismos mais eficazes de juntar recursos econômicos para manter e tecer relações para produção e reprodução de seus rebanhos.[5] Os valores das médias de reses por inventários, nesses dois estratos da tabela, eram 37 e 3.217 reses, o valor maior supera toda quantidade absoluta de reses da faixa dos que tinham de 1 a 100 reses. Ainda, pode-se notar a imensa concentração dos rebanhos e da riqueza pecuária: os criadores de maior

[5] Por termos trabalhado apenas com inventários não foi possível de diagnosticar este tipo de relação, mas com base em outros estudos para o sul do Brasil isso foi apresentado. Ver in.: OSÓRIO, 2007; FARINATTI, 2010.

monta representavam apenas 17% dos inventariados, mas eram detentores de nada menos do que 76% do gado avaliado naqueles processos.

Contudo, essa predominância não excluía a diversidade econômica e social entre o grupo dos criadores de gado na vila estudado. Ao observar a composição das unidades produtivas presentes nas duas primeiras faixas da tabela 1, percebemos que estas "quebram" a ideia de uma sociedade composta apenas por grandes pecuaristas. Estes dois estratos, juntos, representavam 71% dos inventariados, ou seja, a grande maioria dos criadores de gado presentes nas fontes era de pequenos pecuaristas. Todavia, a quantidade de gado destes não passava dos 13%. Isso configura a região de Caçapava como uma área de pecuária de pequeno a médio porte. Estes números dialogam com dados encontrados para outras localidades da região sul-rio-grandense. Vejamos a tabela 2:

**Tabela 2** – Comparação do rebanho *vacum* entre as localidades da Província do Rio Grande de São Pedro

| | **Caçapava (1821-1850)** | | | **Alegrete (1831-1870)** | | | **Cruz Alta (1834-1879)** | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **FTRV** | **% de Criadores** | **% do Gado** | **Média** | **% de Criadores** | **% do Gado** | **Média** | **% de Criadores** | **% do Gado** | **Média** |
| **1-100** | 35% | 2% | 37 | 23,8% | 4,3% | 372,3 | 56% | 11% | 50 |
| **101-500** | 36% | 11% | 236 | 33,1% | 8,5% | 525,73 | 32% | 31% | 249 |
| **501-1.000** | 12% | 11% | 648 | 13,8% | 11,1% | 1.642 | 5,6% | 15% | 704 |
| **+ de 1.000** | 17% | 76% | 3.217 | 29,3% | 76,1% | 5.288 | 6,4% | 43% | 1.719 |
| **Total:** | 100% | 100% | 4.138 | 100% | 100% | 2.043 | 100% | 100% | 2.722 |

**Fonte:** 148 inventários *post mortem* de Caçapava, 1821-1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cível e Crime. Farinatti 2006, p. 143; Araújo 2008, p. 42. FTRV = Faixa de Tamanho de Gado *Vacum*.

Para a região de Cruz Alta, que também era detentora de uma pecuária de pequeno porte, ainda é maior essa presença de pequenos e médios proprietários. Araújo (2008) sinalizou para uma concentração de 88% dos produtores nestas faixas de até 500 reses. No entanto, a representatividade da quantidade do gado *vacum* era superior a que encontramos para Caçapava. Araújo (2008) mostra que havia com estes produtores 42% dos bovinos inventariados, isso para um período que transcorre entre 1834 a 1879. A concentração dos rebanhos era, portanto, menor naquele grande município do norte da província do que em Caçapava.

Por sua vez, Farinatti (2010) em seu estudo para região de Alegrete, uma das mais expressivas localidades em termos de produção pecuária na província, verificou que, os dois estratos (1 a 100 e 101 a 500) em que estavam as menores quantidades de gado bovino,

tinham 56,9% do total de inventários, ou seja, mais da metade de seus produtores. Não foi por outro motivo que Farinatti nomeou um subcapítulo de seu estudo de "Para além dos grandes estancieiros" (2010, p:149), mostrando que, mesmo em uma região de grande vulto pecuarista, havia mais da metade dos criadores inventariados sendo de pequenos criadores de gado. Estes dois grupos juntos, em Alegrete, eram detentores de apenas 12,9% de todo o gado arrolado nos inventários entre 1831 e 1870.[6]

Estes dados mostram uma situação muito interessante, em que havia uma grande quantidade de pequenos e médios produtores para três regiões distintas aqui confrontadas. Porém, a quantidade de gado existente nos 12,9% para Alegrete era, por exemplo, mais de 46.000 reses, quase a metade de todo o gado inventariado para Caçapava nas três décadas aqui examinadas, e era superior a todo o gado inventariado para região de Cruz Alta, que havia um total de 32.137 reses.

Essa diversidade no que tange à distribuição do gado *vacum* e suas respectivas unidades produtivas parece ter sido um traço estrutural da pecuária extensiva sulina, sendo uma reiteração, em alguns pontos radicalizada, do padrão identificado, no período colonial, por Helen Osório. A autora afirma que:

> Tal distribuição do rebanho *vacum* modifica bastante a visão de uma paisagem agrária composta quase que exclusivamente por grandes estancieiros. Existiam, sim, grandes unidades criatórias, que concentravam mais da metade do rebanho existente, mas, junto a estas, encontrava-se uma infinidade de pequenas e médias estâncias, com seus rebanhos mais diminutos (2007: 114).

Na análise feita por Osório (2007) sobre o Rio Grande do Sul colonial, os estabelecimentos que tinham até 100 reses representavam 49,2%. Já o estrato em que estavam os rebanhos entre 101 a 500 reses, tinha a importância de 28,8%, ou seja, os pequenos pecuaristas representavam 78%.

Como apontou a autora, esse padrão fazia parte de uma paisagem agrária da pecuária extensiva, largamente difundida no sul do Brasil e na região platina. Para a região da campanha de Buenos Aires, Garavaglia (1999), também tendo seu estudo para o período colonial, e com foco no período entre 1700 - 1830, verificou que os produtores que tinham menos de 100 até 500 reses, somavam 64%, tendo 16% do gado *vacum* para o recorte analisado. Verifica-se que os dados apresentados aqui, para Caçapava, embora para um período imediatamente posterior, encontram paralelo nos valores elencados por Garavaglia

[6] Farinatti (2010) trabalhou apenas com os inventários que possuíam bens agrários.

(1999) e Osório (2007). Assim, a importância da comparação com estudos de períodos anteriores, para termos um melhor entendimento do momento aqui estudado.

Na esfera dos proprietários que possuíam entre 501 a 1.000 reses, as unidades produtivas de Caçapava representavam 12%, estes tinham como total de 11% de todo o gado *vacum* inventariado. Araújo (2008) por sua vez, visualizou que em Cruz Alta este recorte de criadores que tinham de 501 a 1.000 cabeças de gado, representavam 5,6%, com um total de 15% do rebanho bovino. Segundo Farinatti (2010) em Alegrete, esse estrato de 501 a 1.000 reses, era composto por 13,8% dos criadores, e possuíam 11,1% do gado inventariado. Osório (2007) demonstra que para região sul no período colonial, esta faixa de criadores era 10,8%, estes detinham 14,9% do gado. Para campanha bonaerense não era muito diferente, Garavaglia (1999) sinaliza para um grupo de criadores que tinha de 500 a 1.000 reses, sendo equivalentes a 18% e tendo seus rebanhos o equivalente a 15%.

Por fim, o estrato de criadores que continha os maiores rebanhos de gado *vacum* possuía mais de 1.000 reses. Para Caçapava isso representou em nosso exame 17% dos proprietários, com um total de 76% do rebanho bovino. Em Cruz Alta Araújo (2008) encontrou uma concentração maior, pois 6,4% dos criadores eram detentores de 43% do gado bovino. Já para Alegrete, Farinatti (2010) encontrou para este recorte dos que possuíam mais de 1.000 reses, 29,3% de criadores. Estes por sua vez tinham as maiores somas de gado *vacum* daquela área, isso chegando a 76% de todo o gado arrolado nos inventários trabalhados por Farinatti (2010). Ou seja, nos três municípios rio-grandenses encontramos tanto uma significativa diversidade entre esse grupo social quanto uma grande concentração da riqueza pecuária, esta por meio do gado *vacum*. Em Alegrete, a proporção de grandes criadores era maior, assim como as médias de gado por inventário, por isso designamos esta como uma região dominada pela grande pecuária. Nesse quesito, Caçapava ocupa lugar intermediário e Cruz Alta se apresente como o espaço agrário onde havia menor número de grandes estâncias. Porém, a concentração dos rebanhos nas mãos dessa minoria de grandes criadores também era grande nestes dois municípios, sendo que era ainda maior em Caçapava do que em Alegrete.

Para o Rio Grande do Sul ainda em um período colonial Osório (2007) destacou que os rebanhos vacuns que estavam nos núcleos produtivos mais de 1.000 cabeças atingiram 11,3%, tendo 68,1% do total do gado bovino. Estes criadores de gado *vacum*, que tinham mais de 1.000 reses, segundo Garavaglia (1999), eram 18% para a campanha de Buenos Aires, tendo 69% das reses. Dois casos, portanto, também de grande concentração dos rebanhos vacuns.

De fato, o que encontramos para Caçapava, no que tange às unidades produtivas e ao rebanho *vacum* nelas presente, era bem similar com outras regiões do sul do Brasil, mudando sim a quantidade do gado presente em cada uma delas, mas as características estruturais se aproximavam.

Quanto aos grandes criadores, é importante notar que a base de recursos que estes estancieiros possuíam e, provavelmente, também sua lógica produtiva, estava muito além da realidade das demais unidades produtivas. Se levarmos em conta os dois maiores criadores de gado *vacum*, comparando estes com os demais grandes criadores havia um grande hiato no que tange à quantidade de seus rebanhos.

Assim, cruzando os dados, conseguimos perceber diversos elementos destes agentes sociais, visualiza-se uma sociedade rural, com sua base econômica centrada majoritariamente na criação de gado *vacum*, sem excluir as práticas agrícolas, até porque, a associação destas era fundamental para economia de muitas unidades produtivas. Deste modo, foi possível entender um pouco melhor as especificidades econômicas de Caçapava.

Esse cruzamento de dados que realizamos entre regiões e períodos distintos nos mostra uma diversidade dessas localidades, sendo estas de porte diferenciados, no que tange o tamanho de seus rebanhos e, consequentemente na formação de uma elite. Verifica-se que Caçapava havia semelhanças com todas as áreas aqui debatidas, e a maior semelhança se dá no que tange os pequenos e médios proprietários, pois estes representavam sempre mais de 50% das unidades produtivas para todas as regiões que aqui cruzamos com os dados referentes à Caçapava.

Passemos, agora, a uma análise da composição do patrimônio dos inventariados que estão sendo analisados aqui.

## 2 – Os grandes criadores de gado *vacum* de Caçapava, (1821-1850)

Na tabela 1, colocamos os dados referentes às três décadas aqui trabalhadas, a maioria do gado estava presente em um pequeno grupo que representava 17% dos inventariados nos processos em análise. Porém, nessa faixa estavam presentes dois criadores que poderiam "distorcer" bastante o exame, pois os dois juntos tinham mais de 30.000 cabeças de gado *vacum*. Na tabela 3, apresentamos os maiores pecuaristas, ou seja, os que tinham para mais de 1.000 reses, fizemos um teste com duas abordagens para ver a representatividade desta faixa *com* e *sem* os dois maiores criadores.

**Tabela 3** – Os maiores pecuaristas de Caçapava, (1821-1850)

| | *Todos os criadores* | | | | | *Sem os dois maiores criadores* | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| *FTR* | ***Nº de Criadores*** | ***%*** | ***Gado vacum*** | ***%*** | ***Média*** | ***Nº de Criadores*** | ***%*** | ***Gado vacum*** | ***%*** | ***Média*** |
| Mais de 1.000 reses | 21 | 17% | 67.560 | 76% | 3.217 | 19 | 16% | 36.830 | 63% | 1.938 |

**Fonte:** 123 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS. FTRV = Faixa de Tamanho de Rebanho *Vacum*. Nº = Número.

Primeiramente, o que percebemos não é uma alteração grande, nem na quantidade de criadores e nem nas porcentagens que estes representavam, pois o que ocorre é uma queda de 17% para 16% quando são retirados os dois maiores pecuaristas. Assim como também as porcentagens de gado não tiveram uma grande variação, passado de 76% para 63%, porém, esta bem mais visível. Essa comparação foi feita como se todos os dados das demais faixas estivessem presentes, tendo apenas a alteração do último estrato. Visualizamos uma distância bem significativa quando examinamos a quantidade do gado *vacum* para esta faixa, em que percebe se um hiato entre os dois maiores criadores e os demais pecuaristas.

Com a análise dos dados referentes aos pecuaristas, percebe-se que a região de Caçapava configurava-se como uma ilha de grandes criadores em um mar de pequenos produtores. Os dois maiores pecuaristas, a que nos referimos eram José da Cruz Albarnaz[7] e o Capitão Mor Antônio Adolfo Charão.[8] Também, havia mais algumas particularidades entre estes criadores: os dois estavam entre os maiores senhores de escravos e possuíam uma diversidade de equipamentos em seus bens. No entanto, apenas um deles tinha patente militar, isso de certa forma, pode ter facilitado na forma como este adquiriu a suas cabeças de gado. Suas reses podem ter vindo de herança, de compra ou mesmo das arreadas,[9] algo que ocorria com certa frequência no XIX. Não sabemos ao certo como foi formado todo o rebanho de José da Cruz Albarnaz e Antônio Adolfo Charão, mas, ao que

[7] Inventário *post mortem* de José da Cruz Albarnaz, Autos:4, Estante:14, Maço:1, Cartório de Cível e Crime, Ano: 1836, Caçapava.
[8] Inventário *post mortem* de Antônio Adolfo Charão, Autos: 88, Estante: 14, Maço: 4, Cartório de Órfãos e Ausentes, Ano: 1835, Caçapava.
[9] Tratava-se da passagem do gado na região fronteiriça, mas que ganhava ares de verdadeiro roubo sistematizado de gado entre luso-portugueses e hispano-platinos, estas em terras tanto de domínios espanhóis quanto de portugueses na América. Hispano-platinos é uma denominação retirada do artigo de THOMPSON FLORES; FARINATTI, 2009.

tudo indica, que este último utilizou-se de meios não mercantis e, talvez, ilícitos na formação de seus rebanhos.

No ano de 1802, o Capitão Mor Antônio Adolfo Charão, foi pego na fronteira praticando uma arreada de gado *vacum* e cavalar. Ocorreram então algumas reclamações dos comandantes da fronteira, com a tal tomada de gado, segundo o Tenente-Coronel José Inácio da Silva em correspondência para o governador da província o Tenente-Coronel Manoel Marques de Souza;

> Junto a esta achará Vossa Senhoria terceira reclamação que faz o Marquez de Sobre Monte a respeito da arreada que se fez de 294 cavalos [...] e quinze mil reses depois da paz. Pelo que vejo o dito oficio esta persuadindo que uma partida nova comandada pelo capitão Adolfo fizera tal arreada. Dessas respostas que nenhum dado o Tenente Coronel Patrício estar tão bem persuadido que ele totalmente ignora a entrada de tal número de animais ou está disposto a ocultar. O que isto seja a sua determinação é a má fé que ande por os espanhóis e não mais restituírem os novos escravos que continuaram a fugir; a vista que vossa senhoria determinar o que melhor convenha. (Autoridades Militares, Caixa 1, Maço 2, ano 1802, AHRS).

É visto que o patrimônio familiar era formado ao longo do tempo e de distintas formas, e arreada de gado foi uma das formas praticadas pelo Capitão Mor Antônio Adolfo Charão. É certo que os dados elencados nos inventários indicam a realidade de um momento passado. Um exemplo disso foi a tomada de gado que ocorreu em período distante do nosso recorte temporal, mas que entendemos como algo que colaborou na formação do patrimônio familiar de Antônio Adolfo Charão[10]. Talvez as arreadas fossem práticas que ocorressem corriqueiramente, ainda mais levando em conta que era um período de fronteiras a se definir, ou seja, uma região de *fronteira transitada*[11]. Ainda mais que "los estancieros pretendian asegurar la liberdade de arreo y el flujo de ganados em el área" BORUCKI; CHAGAS; STALLA, (2004:16). Assim, essa correspondência entre militares nos mostra uma única vez em que o dito Capitão foi pego. Não vamos discutir a legalidade deste fato, mas sim caráter formador de um patrimônio familiar. Parte desse gado deve ter se somado aos demais rebanhos, talvez ocupando um lugar de "capital inicial" para o empreendimento pecuário de Charão. Tudo não passa de hipótese, mas nos ajuda a

[10] Consideramos que a quantidade de gado da arreada praticada pelo Capitão Mor Antônio Adolfo Charão ajudou na formação de seu patrimônio. Até o presado momento, não se tem muitas informações sobre o dito capitão, só o que foi relatado no seu inventário e na correspondência militar. Assim, pretendo buscar maiores informações sobre o mesmo.
[11] Sobre fronteiras transitadas ver in: (OSÓRIO, 2007).

pensar as formas de acumulação que eram recorrentes nas primeiras décadas do século XIX, no Rio Grande do Sul.

Note-se que quantidade de gado mencionada na correspondência referida - 15.000 cabeças de gado *vacum* e quase 300 cavalares - era muito semelhante ao que encontramos em seu inventário, sendo que a tomada desse gado foi feita em 1802 e seu processo *post mortem* data de 1835, ou seja, 33 anos depois ele tinha mais de 16.000 reses. Podemos pensar em formação de um patrimônio, essa quantidade de gado *vacum* com certeza o favoreceu a solidificação do seu rebanho, visto a quantidade de reses inventariadas. Além de que isso nos serve para entender melhor a sociedade em movimento do século XIX, ou pelo menos parte dela.

Assim, tendo em vista que o gado era um dos bens mais valiosos do período, elencamos na tabela 4, parte do patrimônio familiar de todos os inventariados desse recorte estudado. Escolhemos elencar os bens de maior valor, na tabela a seguir.

**Tabela 4** – Composição dos bens mais valiosos do patrimônio inventariado (Caçapava, 1821-1850)

| | ***1821-1830*** | ***1831-1840*** | ***1841-1850*** |
|---|---|---|---|
| **Bens** | % | % | % |
| **Imóveis Urbanos**[12] | 4% | 6% | 7% |
| **Imóveis Rurais**[13] | 33% | 29% | 46% |
| **Rebanhos** | 34% | 37% | 16% |
| **Escravos** | 29% | 28% | 31% |
| **Total:** | 100% | 100% | 100% |

**Fonte:** 148 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

Na primeira faixa da tabela 4, em que constam os bens urbanos, se percebe uma tendência à estabilidade, com um pequeno aumento ao longo das décadas, passando dos 4% na dezena de 1820 para 7% no período de 1840. Já os bens ditos rurais, que eram os rebanhos e os imóveis no campo, formavam mais de 60% do patrimônio familiar, isso em todos os períodos. Na década de 1830 esses bens rurais somavam 67% do patrimônio para o período, na dezena seguinte o valor era de 66% e por fim, na década de 1840 atingiram 62%. Esses valores mostram o quanto essa economia estava vinculada às atividades agrárias e parece ter sido comum nas áreas do interior da província do Rio Grande do Sul.

[12] Sobre a sigla de Imóveis Urbanos colocamos: casas, terrenos, arranchamentos de casa, meia água.
[13] Sobre a sigla de Imóveis Rurais colocamos: casas no campo, campos, rincão de terra, quinhão de terra, terras, sesmarias.

Farinatti (2010) mostrou que, para Alegrete, os valores dos bens rurais chegavam a 60% em todo o período analisado.

Para completar essa tabela 4 temos a faixa em que se encontram os escravos, estes tinham porcentagens consideráveis no patrimônio. Estes representavam nas décadas 1820, 1830 e 1840, respectivamente 29, 28 e 31% dos bens. Assim, os escravos estavam entre os bens mais valiosos das famílias do XIX, não é por nada que ter escravos dentre outras coisas era fazer-se parte de uma "elite" de senhores de escravos. É interessante notar a estabilidade desses percentuais ao longo do tempo, indicando um papel estrutural e constante da mão de obra escrava naquela economia agrária.

Os elementos da sociedade agrária de Caçapava contidos nos inventários, ainda nos permitem fazer outras análises, como a da estrutura do patrimônio agrário presente nos inventários. Nos dados da tabela 4, verifica-se que os processos abertos na década de 1820 apresentavam porcentagens bem similares no que tange ao valor da terra e do gado. Os valores ficaram assim, terras com 33% e os rebanhos 34%, havendo uma pequena vantagem do gado. Porém, na década de 1830 os valores do gado superam o valor da terra, os rebanhos tiveram um aumento de 3% atingindo 37%, isso contra 29% que era o valor da terra, essa valor sofreu uma queda de 4%, o suficiente para que o gado fosse superior em seu valor. Para a região de Alegrete, Farinatti (2010) também aponta uma supremacia do gado em ralação aos imóveis rurais, os valores destes bens eram respectivamente 44,8 e 24,2%. No entanto, as unidades produtivas das duas regiões tiveram mudanças na passagem da década de 1830 para 1840, as porcentagens referentes às terras superaram o valor do rebanho. Para Caçapava, ocorreu uma grande queda nas porcentagens do gado, que eram 37% no período anterior passaram para 16% na dezena de 1840. Por sua vez o valor das terras que era 29% passou para 46%, um aumento de 17%. Segundo Farinatti (2010), em Alegrete isso também ocorreu, tendo os imóveis rurais atingiram 35,7% e o gado 25,5%. Outro fator que colaborou para essa queda no valor dos rebanhos foi um decréscimo na média geral do gado *vacum*, esses valores das reses na década de 1830 eram de 911,6 cabeças, passando para 572,7 na dezena de 1840. Este dado esteve aliado a uma maior valorização dos campos (GARCIA, 2005).

Assim, tanto em Caçapava como em Alegrete, percebe-se que ocorreu uma valorização das terras principalmente na passagem da década de 1830 para a de 1840. No caso de Caçapava, é provável que esse fato tenha sido influenciado por uma menor disponibilidade dos campos, pois a ocupação luso-colonial é relativamente antiga, datando de final do século XVIII. Outro fator que nos ajuda a entender esta valorização da terra, esta

ligada ao fim dos apossamentos e a distribuição de sesmarias, práticas que tinham uma maior ocorrência na primeira década do século XIX.

## 3 – Uma chácara no Irapuá[14] e um campo na costa do Camaquã: propriedade e acesso a terra em Caçapava

Na tabela 5, apresentamos uma análise da propriedade da terra[15] por meio dos inventários *post mortem*. Com esta mostra conseguimos pelo menos identificar a quantidade de inventariados que tinha o acesso à propriedade da terra. A maioria dos outros inventariados que possuíam bens rurais, mas não tinham a propriedade da terra poderiam produzir "a favor" nos campos de outro, sendo agregados, ou então serem arrendatários. Esta última condição, porém, só foi possível de visualizar em um caso, pois essa condição estava declarada em um inventário na descrição dos bens de raiz[16].

**Tabela 5** – Posse da terra por meio dos inventários *post mortem* (Caçapava, 1821-1850)

| | Década 1820 | Década 1830 | Década 1840 |
|---|---|---|---|
| **Inventários com terras** | 83% | 68% | 73% |
| **Inventários sem terras** | 17% | 32% | 27% |
| **Total:** | 100% | 100% | 100% |

**Fonte:** 148 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

Os dados da tabela 5 nos mostram parte de uma sociedade com um elevado acesso à propriedade da terra, isso fica bem claro, pois mais de 65% dos inventariados tinham em seus bens de raiz, terras. A média destas posses era de 73% para todo o período em questão. Na década de 1820 foi a que tivemos a maior porcentagem de inventários com terras arroladas em seus bens, chegando a 83%, baixando para 68% na dezena de 1830 e voltando a subir no período de 1840 para 73%. Certamente, uma grande parte destas terras era utilizada para manejar o gado *vacum*, principalmente os campos dos grandes pecuaristas. No entanto, parte destas terras seguramente era destinada à produção de

[14] Trata-se de uma região em Caçapava.
[15] Sob o termo "terra", colocamos: campos, rincão, rincão de campo, pedaço de terra, fazenda, quinhão de terra, chácara.
[16] Inventário *post mortem* de Francisco Gomes da Trindade: Autos; 64; Maço: 3; Estante: 90; Cartório: Órfãos e Ausentes; Caçapava, Ano: 1834.

alimentos, isso fica visível pela quantidade de artefatos para o trato da terra que foram encontradas nos processos, (CORRÊA, 2013). Acreditamos que principalmente nas chácaras, houvesse uma maior produção de alimentos, pois se tratavam de pequenas unidades produtivas, estas sendo mais próximas do núcleo das vilas, o que favoreceria um possível comércio de produtos agrícolas (ZARTH, 2002; OSÓRIO, 2007; FARINATTI, 2010).

A década de 1820 era o período que tinha a maior concentração de inventários com terras arroladas, talvez isso tenha se dado como reflexo da proximidade de momentos anteriores, onde havia fronteira agrária aberta. Ou seja, os bens encontrados nos processos refletem não apenas uma parcela da sociedade no momento da avaliação, mas também reflete elementos de em alguns anos anteriores, isso justificaria em parte esse maior número de proprietários com terras nesse primeiro momento (FRAGOSO & PITZER, 1988). Assim sendo, a quantidade decrescente de proprietários de terras para as décadas seguintes pode estar indicando o fechamento da fronteira agrária e a saturação de produtores em Caçapava. De tal forma, ocorreria um aumento proporcional no número de agregados ou arrendatários nas décadas de 1830 e 1840, o que corroboraria essa baixa de proprietários, dificultando o acesso a terra e elevaria o seu preço.

Na tabela 6, temos a distribuição dessas propriedades de terra, conforme a designação que receberam pelos avaliadores atuantes nos processos de inventário chácaras, campos[17] ou estabelecimentos mistos[18].

Pelo que se configura a economia de Caçapava, tendo como base o que foi visualizado nos inventários *post mortem*, esta era detentora de pequenas e médias unidades produtivas, isso talvez nos levasse a ter uma raciocino mecânico, em que fosse feita uma associação direta destas unidades produtivas com as chácaras. Assim, teríamos uma representatividade deste estabelecimento maior do que os demais. Porém, o que se visualiza é uma maior quantidade de campos, estes nem sempre contínuos, o que vem corroborar a base econômica desta localidade, sendo centrada no manejo do gado *vacum*. Com isso havendo uma maior necessidade de ter campos para o pastoreio dos rebanhos. Para análise da tabela 6, utilizamos apenas os inventários que possuíam terras arroladas em seus bens.

[17] Na sigla campos estão reunidos: campos, rincão de campo, rincão, fazendas, quinhão de terra e sesmaria terra ou campo.
[18] Denominamos de estabelecimentos mistos, os inventários que tinham arrolado chácaras e campos.

**Tabela 6** – Percentual da presença dos campos, chácaras e demais estabelecimentos mistos, (Caçapava 1821-1850)

| | ***Década 1820*** | | ***Década 1830*** | | ***Década 1840*** | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | ***Quantidade*** | ***%*** | ***Quantidade*** | ***%*** | ***Quantidade*** | ***%*** |
| **Campos** | 14 | 56% | 35 | 78% | 31 | 82% |
| **Chácara** | 7 | 28% | 6 | 13% | 4 | 10% |
| **Mistos** | 4 | 16% | 4 | 9% | 3 | 8% |
| **Total** | 25 | 100% | 45 | 100% | 38 | 100% |

**Fonte:** 108 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

Verifica-se que nos inventários que para as três décadas aqui trabalhadas, obtivemos uma supremacia na presença de campos em relação às chácaras e aos estabelecimentos mistos. A representatividade destes campos não foi menor do que 56%, este dado era correspondente à década de 1820. No período de 1830 esse valor passou para 78% e na década de 1840 atingiu 82%, ou seja, percebe-se que ocorreu um aumento gradativo da posse de campos e isso foi visualizado na documentação, exemplificado na tabela 6, pelo menos para o recorte de 1821 a 1850.

Por sua vez, houve uma diminuição no percentual de "chácaras" ao longo do recorte temporal estudado. Visualiza-se que na década de 1820 foi o período com a maior porcentagem, sendo de 28%, na dezena de 1830 ocorreu um decréscimo, chegando a 13%, baixando ainda mais essas porcentagens para 10%. Não foi diferente com os estabelecimentos mistos, além de estes serem em menor número, suas percentagens diminuíram, sendo 16% na década de 1820, baixando para 9% na dezena de 1830 e chegando a 8% no período de 1840. Essa redução das chácaras é compatível com o aumento da presença de gado *vacum* nos inventários da década de 1830 e à diminuição da presença de instrumentos agrícolas, sugerindo uma tendência maior à especialização na pecuária bovina, ao longo daquela década.

Agora, cruzando os dados dos inventariados que possuíam terras e gado *vacum*, conseguimos perceber que estes dois bens em sua grande maioria apresentavam se juntos. Na tabela 7, na qual nos utilizamos apenas os inventários que tinham estes dois bens arrolados, foi possível verificamos o seguinte:

**Tabela 7** – Criadores de gado *vacum* com acesso a terra em Caçapava, 1821-1850

| ***Rebanhos*** | ***Criadores com terra*** | ***%*** | ***Criadores sem Terras*** | ***%*** |
|---|---|---|---|---|
| Até -100 Reses | 32 | 74% | 11 | 26% |
| 101-500 reses | 31 | 70% | 13 | 30% |
| 501-1.000 reses | 11 | 73% | 4 | 27% |
| Mais de 1.000 reses | 20 | 95% | 1 | 5% |
| Total: | 96 | 76% | 30 | 24% |

**Fonte:** 126 Inventários *post mortem* de Caçapava 1821 a 1850. Cartório de Órfãos e Ausentes, Cartório de Cível e Crime, APERS.

Na análise da tabela 7, fica evidente que a presença do gado *vacum* associado com a questão de ter a propriedade da terra nunca foi menor do que 70%, isso tendo como base os inventários e o recorte aqui estado de 1821 a 1850. Verifica-se que até mesmo os pequenos criadores que estão nas faixas de (até 100 reses e de 101 a 500 reses), tinham uma respectivamente 74 e 70% de seus produtores sendo também proprietários da terra. Não foi muito diferente para os médios pecuaristas de (501 a 1.000 reses), pois estes apresentavam 73% de criadores com terras. Os grandes pecuaristas que possuíam para mais de 1.000 cabeças de gado *vacum*, também eram detentores de uma boa quantidade de terras, e a dualidade terras e gado *vacum* representava 95%. Assim sendo, verifica-se que estas unidades produtivas de Caçapava tinham uma grande relação da posse do gado *vacum* com a terra. Isso também é visualizado em Alegrete, segundo Farinatti (2010) na década de 1830, o total de inventários com terra era de 59,5%, já para a dezena seguinte, estes valores chegavam a 60,6%. Porém, se deve ressaltar o outro lado, naquele município, cerca de 25% ou 30% dos médios e pequenos produtores criava seus rebanhos em terras alheias, provavelmente isso ocorre-se em Caçapava com parte dos 24% dos criadores sem terras.

Esse número deveria ser ainda maior, já que as camadas menos favorecidas costumam estar sub-representadas nos inventários *post mortem*. Isso mostra que uma parcela daqueles que não eram os mais abastados estancieiros, também não era composta por homens sem acesso à produção autônoma. É mais uma região, no Rio Grande do Sul, em que se mostra a importância e a variedade da pequena e média produção pecuária e agrícola, provavelmente com mão de obra familiar, sem descartar a presença de algum cativo nessas atividades.

Nessas extensões de terra foi possível vislumbrar que a vila de Caçapava tinha como base econômica de suas unidades produtivas da pecuária, na qual seus criadores também eram proprietários de terras, sem excluir os que eram arrendatários, porém, estes somente um caso foi encontrado, mas havia outros certamente, tendo por base os 24% de pecuaristas que não tinham terras arroladas em seus processos.

As atividades da lida com o gado *vacum* não tinha o mesmo porte econômico encontrada nos estudos de Farinatti (2010) referentes à Alegrete. Assim sendo, a pecuária de Caçapava era mais alinhavada com o modelo econômico encontrado por Thiago Araújo (2008) para a região de Cruz Alta. Porém, não podemos afirmar que todos os criadores de gado *vacum* possuíam apenas esta atividade em suas unidades produtivas, sendo muito provável que, em muitas, a agricultura se combinava com o manejar o gado (ZARTH, 1997).

## Considerações Finais

Esse trabalho se soma aos estudos de uma historiografia que abordou as questões agrárias sulinas. Estas pesquisas sinalizaram para uma grande diversidade nas práticas ligadas a agricultura e ao manejo do gado *vacum*, contrapondo a visão tradicional tivemos os trabalhos já citados (ZARTH, 1997, 2002; OSÓRIO, 2007; FARINATTI 1999, 2010; ARAÚJO, 2008). De fato, esta lida não era exercida apenas por uma elite agrária, a configuração do sul do Brasil era em sua grande maioria formada por unidades produtivas de média e pequena escala, tendo que alternar entre o manejo com o gado e a produção de alimentos, isso com o trabalho escravo.

Para região de Caçapava não foi diferente, encontramos uma elite agrária que era detentora de grande parte dos meios produtivos da região, porém, esta era apenas uma pequena parcela de criadores que representava apenas 7% em nossa análise, 75% das unidades produtivas eram de pequeno e médio porte. Assim, com os dados apresentados dessa localidade, nos mostra que esta região do sul do Brasil se configura como área mais complexa. Esta era a realidade do sul do Brasil, além dos grandes estabelecimentos produtivos, havia em sua grande maioria, pequenas e médias unidades produtivas, como já havia sido mostrado por Osório (2007), Farinatti (2010), Araújo (2008).

Assim sendo, nosso artigo procurou apontar elementos de uma sociedade rural, e isso foi feito. De fato, os inventários serviram para a proposta de análise que escolhemos, acreditamos que muito ainda pode ser pesquisado nessa região e no mesmo recorte temporal, claro que com a empregabilidade de uma gama maior de fontes e se utilizando quem sabe do método de redução da escala de análise. Assim, certamente teremos um

aprofundamento nas análises e avançaremos no entendimento do mundo agrário do século XIX no sul do Brasil.

## Fontes

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), Inventários *post-mortem* do município de Caçapava do Sul, do período de 1821 a 1850.

Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul (AHRS), Autoridades Militares, Sargento mor e Ajudante de Ordens José Inácio da Silva; Caixa 1, Maço 2, Pasta nº 2 doc. 10, ano 1802.

Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul (AHRS), Autoridades Militares, Tenente-Coronel Manoel Marques de Souza, Caixa 1, Maço 2, Pasta nº 2 doc. 14, ano 1802.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Thiago Leitão de. *Escravidão, fronteira e liberdade:* políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila de Cruz Alta, província do Rio grande do Sul, 1834-1884). Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2008. (Dissertação de Mestrado)

BERUTE, Gabriel do Santos. *Dos escravos que partem para os portos do sul:* características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790- c. 1825. Porto Alegre: UFRGS- PPGH, 2006 (Dissertação de Mestrado).

____. *Mercadorias, rotas e agentes mercantis:* O movimento da barra do porto de Rio Grande (primeira metade do século XIX). Blogue de História Lusófana: ano VI, Janeiro 2011a.

____. *Atividades Mercantis do Rio Grande de São Pedro*: negócios, mercadorias e agentes mercantis (1808 – 1850). Porto Alegre: UFRGS- PPGH, 2011b. (Tese de Doutorado).

BARICKMAN, Bert. *Um Contraponto Baiano:* açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003a.

____. *Se a Casa Grande Não Fosse Tão Grande?* Uma freguesia açucareira do Recôncavo Baiano em 1835. *Afro-Ásia*, 29/30, 79-132. 2003b.

BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. *Esclavitud y trabajo: um estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya (1835-1855).* Montevideo: Pumón Ediciones, 2004 ["Capitulo 1 – Las condiciones previas", p. 11-32].

CAMARGO, Fernando. *O Malón de 1801:* A Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional. Clio Livros: Passo Fundo-RS, 2001.

CARDOSO, Fernando Henrique. *A economia do Brasil Meridional*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira.* Tomo II, "O Brasil Monárquico". Vol. 04, "Dispersão e Unidade". 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, pp. 540-554.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

CASTRO, Hebe Maria Mattos. *Ao Sul da História*: lavradores podres na crise do trabalho escravo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CORRÊA, André Nascimento do. *Roceiros, campeiros e domadores:* o ofício do trabalho escravo na Vila de Caçapava (1831-1839). Revista Latino-Americana de História. Vol. 1, nº. 3. São Leopoldo. Março de 2012. Edição Especial – Lugares da História do Trabalho.

____. *Ao Sul do Brasil Oitocentista:* escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821 – 1850. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2013.

FARINATTI, Luís A. *Sobre as Cinzas da Mata Virgem:* Lavradores Nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880). Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul instituto de Filosofia e Ciências Humanas Curso de Pós-Graduação em História.

____. *Confins Meridionais:* famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). Editora UFSM. Santa Maria, 2010.

____. *Um Campo de Possibilidades:* notas sobre as formas de mão-de-obra na pecuária (Rio Grande do Sul – século XIX). História – Unisinos. São Leopoldo: v. 8, agosto-dezembro de 2003, pp. 253-276.

____. *Para além de estancieiros e colonos:* o Rio Grande do Sul rural dos oitocentos e os lavradores nacionais. In: QUEVEDO, Julio (Org.). Historiadores do Novo Século. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001.

____. *Criadores de Gado na Fronteira Meridional do Brasil (1831-1870).* Anais das II Jornadas de História Regional Comparada, Porto Alegre: CD-ROM, 2005.

____. *Escravos do Pastoreio:* Pecuária e escravidão na fronteira meridional do Brasil (Alegrete, 1831-1850). Revista Ciência e Ambiente, n. 33 (jul/dez, 2006) Santa Maria: UFSM, 2006.

FRAGOSO, João. PITZER, Renato. *Barões, Homens Livres Pobres e Escravos:* Nota sobre uma fonte múltipla – inventário *post-mortem*. In.: Revista Arrabaldes. Ano I, nº2, set/dez. 1988.

____. *Homens de Grossa Aventura:* acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830), 2ª. ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

GARAVAGLIA, Juan C. *Pastores y Labradores de Buenos Aires:* una historia agraria de la campaña bonaerense (1700-1830). Buenos Aires: Edicioines de la Flor, 1999.

GARCIA, Graciela Bonassa. *O Domínio da Terra:* conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2005. (Dissertação de Mestrado).

GELMAN, Jorge. *Campesinos y estancieros.* Una región del Rio de la Plata a fines de la época colonial. Buenos Aires: Editorial Los Libros del Riel, 1998.

GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores:* elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e Rio Pardo (1760 -1810). Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 2007.

NEUMANN, Eduardo Santos. *A Fronteira Tripartida:* a formação do continente do Rio Grande – século XVIII. In:. GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio. (Org.) *Capítulos da História do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

OSÓRIO, Helen. *Apropriação da Terra no Rio Grande de São Pedro e a Formação do Espaço Platino.* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduação em História. Porto Alegre, 1990.

____. *O Império Português ao Sul da América:* estancieiros, lavradores e comerciantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha; FARINATTI, Luís Augusto. *A Fronteira Manejada:* apontamentos para uma história social da fronteira meridional do Brasil (século XIX). In:. HEINZ, Flávio. (org.) *Experiências Nacionais, Temas Transversais*: subsídios para uma história comparada da América Latina. São Leopoldo: Oikos, 2009

ZARTH, Paulo Afonso. *História Agrária do Planalto Gaúcho 1850-1920.* Transformações no Rio Grande do Sul do século XIX. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.
____. *Do Arcaico ao Moderno.* Transformações no Rio Grande do Sul do século XIX. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

**Recebido em: 17/04/2013**
**Aprovado em: 06/05/2013**

## Anexo A

Mapa do Rio Grande do Sul, entre 1838 e 1848




**Fonte**: Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da UFRGS, Gabinete de Cartografia, 1961.